Raab, mulher do povo, mulher de fé

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade[1]

Resumo

Tomando a "suspeita" como princípio metodológico, as mulheres latino-americanas têm se dedicado a interpretar os textos bíblicos, muitas vezes usados para diminuir sua dignidade ou anular seu protagonismo nas igrejas e na sociedade. Identificando-se com as personagens bíblicas e com o pertencimento à tradição judaico-cristã, as mulheres na atualidade pretendem recuperar, através de sua forma peculiar de utilizar o método da Leitura Popular da Bíblia, o seu protagonismo elucidando aspectos dos textos que não foram notados ou que foram deturpados pela hermenêutica tradicional. O texto de Js 2 é um instrumento útil para a mulher nordestina ler sua própria história e assumir sua identidade na qualidade de sujeitos que subvertem os estereótipos construídos social e historicamente.

Palavras-chaves: Livro de Josué. Raab. Leitura Popular.

Introdução

Com este artigo pretende-se retomar a história de Raab, uma mulher prostituta, estrangeira e inimiga do povo da aliança, a qual se tornou um exemplo de fé tão importante quanto o patriarca Abraão (Tg 2,25; Hb 11,31). O método utilizado foi a Leitura Popular da Bíblia, realizado em círculos bíblicos em diversas localidades do Nordeste brasileiro.

O objetivo é aprender com a leitura que as mulheres nordestinas fazem dos textos bíblicos, unida à realidade na qual estão inseridas, para resgatar o protagonismo feminino nas narrativas da Sagrada Escritura e as lutas atuais das mulheres por mais reconhecimento na sociedade e nas igrejas.

Os resultados obtidos elucidam tanto o protagonismo mulher no relato sobre Raab, quanto os determinantes patriarcais presentes na forma como tradicionalmente essa narrativa tem sido interpretada.

[1] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Membro do Programa de Pós-graduação em Teologia da UNICAP. Grupo de Pesquisa: Cristianismo e Interpretações. Projeto de Pesquisa: A questão do sofrimento na tradição judaico-cristã. *E-mail: aila.andrade@unicap.br*

1 Uma breve abordagem histórica sobre o método

A partir do Pontificado de Leão XIII (1878-1903), com a Encíclica *Providentissimus Deus* (1893), a primeira após as definições do Concílio de Trento (1545-1563), os estudos bíblicos foram incentivados na Igreja Católica. Para melhor concretizar esse objetivo, o Papa Pio X (1903-1914) criou o Pontifício Instituto Bíblico de Roma, que se destinava a preparar os professores de Sagrada Escritura direcionados ao ensino nos seminários. Isso significa que a difusão dos estudos bíblicos ficou restrito aos homens: clérigos, religiosos e teólogos (GILBERT, 1995, p. 159-168).

Somente com a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943) do Papa Pío XII, que passam a ser promovidos "entre os católicos o conhecimento e o amor dos livros sagrados". O documento exorta aos prelados que ajudem a todos aqueles que têm por objetivo publicar e difundir, entre os fiéis, cópias impressas da Bíblia, principalmente dos Evangelhos, para que nas famílias cristãs fossem lidos "regularmente todos os dias com piedade e devoção" (PIO XII, 1943, n. 26).

Apesar disso, a missa continuava a ser celebrada em latim, as traduções da bíblia para o vernáculo eram feitas pelos protestantes e pouco aceitas pelos católicos e a maioria da população era analfabeta. Portanto, com raríssimas exceções, os fiéis, não tiveram contato com a bíblia antes do Concílio Vaticano II; a popularização do conhecimento bíblico, pedida por Pio XII, parecia impossível.

Somente com a renovação litúrgica trazida pelo Concílio Vaticano II que trouxe a língua vernácula para as celebrações da Eucaristia, o que incluía a leitura do Antigo e do Novo Testamentos, é que tornou possível aos fiéis um conhecimento gradual dos textos bíblicos. A mesma renovação litúrgica foi fazendo com que, de forma gradual, se realizasse a tradução da bíblia para muitos idiomas.

Apesar disso, a interpretação, geralmente feita nas homilias das missas, ainda era tarefa dos homens do clero, cabendo ao povo um papel puramente de ouvinte passivo. A maioria dessas homilias apenas enfatizavam a tradição e os ensinamentos clássicos da Igreja sem qualquer vínculo com a realidade dos fiéis.

No entanto, toda essa situação, aos poucos deu origem à democratização do acesso à bíblia e a um conhecimento suficiente para que fossem levantados

questionamentos sobre formas alternativas de interpretar os textos, já que a chave de leitura oferecida pela Igreja nas homilias não respondia à realidade latino-americana (RICHARD, 1988, p. 8-30).

Dessa forma é que um novo tipo de leitura bíblica começou a ser feita, não individualmente, mas em comunidade, principalmente no que ficou conhecido como Círculos Bíblicos, os quais deram origem a um verdadeiro movimento de leitura da Bíblia, totalmente novo na América Latina, e que tem sido nomeado, predominantemente de Leitura Popular da Bíblia.

2 O método de Leitura Popular da Bíblia e o jeito feminino de ler a bíblia

O método denominado Leitura Popular da Bíblia, geralmente realizado nas comunidades eclesiais inseridas no meio popular, conhecidas como CEBs, busca resgatar o sentido histórico e espiritual originário dos textos bíblicos a partir da experiência com a presença e a revelação de Deus no mundo dos pobres.

> O objetivo ou razão de ser da Leitura Popular da Bíblia não está, portanto, fundamentalmente na própria Bíblia, mas no discernimento e comunicação da Palavra de Deus hoje no mundo dos pobres. A Bíblia não é o objetivo, mas o instrumento para atingir esse objetivo que está além dela (RICHARD, 1988, p. 31).

O método está dividido em três momentos: Ver, Julgar e Agir. Ver, significa prestar atenção nos acontecimentos da realidade; Julgar, quer dizer, discernir o que foi visto à luz da leitura bíblica considerada como Palavra de Deus; e Agir, ou seja, tirar uma conclusão para pô-la em prática. Posteriormente, foram acrescentados no método as teses do pedagogo Paulo Freire para uma educação libertadora (MESTERS; OROFINO, 2007, p. 19).

Como consequência desse novo método, surgiu uma nova forma de compreender a realidade histórica que levou as mulheres a assumirem um protagonismo em cada contexto em que viviam, a partir de uma prática política motivadas pela fé alicerçadas no agir de Deus na história em favor da mulher entre tantos outros excluídos.

3 O relato de Js 2 lido por mulheres nordestinas inseridas no meio popular

Em uma abordagem a partir da Leitura Popular da Bíblia, as mulheres simples do povo percebem muitos aspectos nas entrelinhas que, numa hermenêutica tradicional não são notados. A seguir, é apresentado um estudo teologicamente elaborado de uma abordagem sobre o texto de Js 2, o relato sobre Raab, para exemplificar o modo como mulheres nordestinas podem fazer uma interpretação dessa narrativa bíblica.

3.1 Ver: a mulher nordestina e os estereótipos preconceituosos

Tem se repetido constantemente os mesmos estereótipos na forma como a mulher nordestina é retratada nas novelas televisivas e no cinema sob o olhar das outras regiões do país. A maior recorrência é a figura da mulher como uma extensão do homem nordestino o qual é visto como viril, macho, cangaceiro, coronel, autoritário. Como extensão desse tipo de homem a mulher precisaria ser uma mulher-macho ou o oposto, extremamente submissa desse homem autoritário, como esposa de coronéis ou de grandes senhores de engenho, totalmente sujeita ao companheiro

> construções estereotipadas e preconceituosas, que persistem em apontar essa mulher com características de quem é sempre sofrível, pouco agradável, como um ser masculinizado. E o que se observa, é que há certa concordância da opinião pública com essa visão transmitida ao longo dos tempos (ALMEIDA, 2010, p. 7).

Outro estereótipo a representa como extremamente sensual e sexual com o corpo à disposição para que o homem a desfrute. Essa forma de retratar as nordestinas é mais forte quando se trata da mulher sertaneja e pobre, mas atinge também aquelas que se mudam para as grandes capitais do Sul e Sudeste, com o objetivo de fazer uma pós-graduação ou por questões profissionais, e que sofrem igualmente o preconceito por serem oriundas do Nordeste.

Para as demais regiões do país, a mulher nordestina sertaneja exerce sempre o trabalho na roça ou atividades veiculadas ao meio rural sem grande destaque social. Da mesma forma que nos grandes centros urbanos nas demais regiões do país, as mulheres nordestinas têm que lutar pela vida, exercer uma

profissão e ainda cuidar dos filhos, contudo, as demais mulheres do Brasil não são vistas como "alguém masculinizado, menos atraente, e outros adjetivos que durante décadas qualificaram a imagem da mulher do sertão nordestino" (ALMEIDA, 2010, p. 9).

A realidade é que a mulher nordestina tem um protagonismo muito forte que foge desses estereótipos. A mulher sertaneja demonstra inteligência e é extremamente criativa diante de realidades desafiantes que raramente são representados nas telas e nas artes em geral. O agir das mulheres nordestinas, na qualidade de sujeitos de sua própria história, subverte essas imagens.

Esses estereótipos fazem parte do preconceito generalizado sobre o sertão como lugar do bárbaro, do selvagem, do exótico, elementos que fazem parte dos mitos e símbolos que estigmatizam os nordestinos de forma geral. Preconceitos criados por uma elite coronelista que se apresentou para as demais regiões do país como benevolente para com a população dessa região (ALMEIDA, 2010, p. 8).

Há alguns anos algumas iniciativas políticas possibilitaram um crescimento econômico no Sertão Nordestino, como os investimentos em irrigação, isto possibilitou espaços de modernização e, consequentemente, melhorias na renda das mulheres que tiveram grande desempenho intelectual e criativo no estudo e aperfeiçoamento de novas profissões e tarefas para as novas demandas (ALMEIDA, 2010, p. 14).

Quanto aos estereótipos, foram uma construção social e histórica e, "se é assim, pode-se também desconstruir, abandonar, desinventar todas as representações preconceituosas que permeiam a mulher sertaneja e nordestina" (ALMEIDA, 2010, p. 23). E assim acontece, de fato, com a mulher nordestina consciente de seu papel de sujeito da própria história e identidade.

3.2 Julgar: Raab, a prostituta canaanita

O livro de Josué tem por objetivo narrar o cumprimento da promessa de Deus feita a Abraão (Gn 13,14-18) e a seus descendentes que possuiriam a terra de Canaã. A cidade-estado de Jericó estava localizada junto às passagens que levavam ao território de Canaã. Conforme a narrativa bíblica, Josué enviou dois espiões a

Jericó a fim de reunir informações que facilitassem uma invasão subsequente bem-sucedida.

O texto de Js 2 provoca forte impacto nos leitores ao narrar que os espiões se hospedaram na casa de uma prostituta de nome Raab (Js 2,1). Provavelmente essas narrativas tiveram origem em um conto popular (repleto de humor e insinuações sexuais), que se tornou, nas mãos dos redatores do atual livro de Josué, um relato sobre a derrota dos cananeus.

A história de Raab se tornou notável, por seu uma canaanita e prostituta, era presumivelmente uma "armadilha" em potencial para os espiões israelitas, ela podia seduzi-los para adorar outros deuses (Js 23,12-13) ou fazê-los desistir de combater os cananeus. No entanto, Raab salvou a vida dos espiões inimigos do seu povo, confessou a fé no Deus dos hebreus e agiu em nome dessa fé. Isso vai contra tudo que os hebreus poderiam pensar sobre ela.

O relato destaca que os espiões foram descobertos e o fato relatado ao rei (Js 2,2), mas Raab os salvou através de sua sabedoria, inventando uma história destinada a enganar os guardas do rei e impedir que capturassem os espiões (v. 4-5).

O autor bíblico destaca minunciosamente as atitudes de Raab e isto mostra que ela não se adequa aos preconceitos dos hebreus a respeitos das pessoas que viviam em Canaã:

- ela disse aos guardas que não sabia que os dois hóspedes eram hebreus;

- assegurou que os dois espiões já tinham ido embora;

- que não sabia onde eles tinham ido

- e induziu os guardas do rei a pensar que se os perseguissem rapidamente os capturariam facilmente.

Raab havia escondido os dois espiões (v. 4) e quando percebeu que já estavam fora de perigo, "antes que se deitassem, ela subiu ao terraço" (v. 8). Na conversa com os espiões, Raab mostrou estar bastante informada sobre o progresso dos hebreus desde que cruzaram o Mar Vermelho (v. 10) e como tinham vencido os reis amorreus Seom e Ogue (v. 10).

Ao ler o texto bíblico, a mulher nordestina não pode deixar de notar que Raab confessa sua fé no Deus dos hebreus com o objetivo de salvar a própria vida e a de seus familiares. Raab negocia com os espiões para que a recompensassem por tê-los escondido, poupando a vida dela e de todos os seus familiares que viviam no perímetro da cidade (v. 12-13), pois ela foi leal para com eles, escondendo-os e mentindo aos guardas do rei para proteger a vida deles (HARRIS; ARCHER, Jr; WALTKE, 1998, p. 499-503).

Os espiões fizeram um juramento garantindo que Raab seria tratada com lealdade e fidelidade, juntamente com sua família, desde que eles não fossem denunciados (v. 14). Por causa da esperteza de Raab os espiões foram forçados a fazer um pacto com um membro do povo inimigo, contrariando as leis de Dt 7,1-4 e 20,16-18.

Enquanto os espiões permanecessem em Jericó, estariam vulneráveis a serem descobertos. Por isso, a mulher cananeia os ajuda a escapar de sua perigosa situação para que pudessem completar sua missão. Ela os fez descer por uma corda (v. 15) e lhes deu orientações (v. 16).

Ao ler esse relato bíblico as mulheres nordestinas se identificam muito com Raab, pois esta tinha sido incrivelmente corajosa. Ela era uma cananeia, pertencia a um povo inimigo, era uma estranha às alianças e à promessa divinas aos hebreus. Era uma mulher em um mundo de homens, vulnerável e sem direitos.

O protagonismo de Raab é tal que o autor bíblico é forçado a continuar a tecer a fé e o caráter de Raab em detalhes até o final da história. Não é Josué, não são os espiões, não são os homens, mas Raab é a heroína desse relato.

Raab também impactou o cristianismo nascente. Ela se tornou um dos principais exemplos de fé a ser imitado pelos seguidores de Jesus. Em Tg 2,25, ela é elogiada como alguém que foi justificada por sua fé operante. Os primeiros escritores cristãos seguiram a linha dos sábios judeus que a exaltavam como exemplo de convertida ao Senhor. Em Hb 11,31, O impacto causado, ao longo da história, pela fé e atitude de Raab foi o fato de que ela não tinha nenhuma razão para acreditar em Deus e, principalmente, acreditar na misericórdia divina, mas o fez.

Considerações finais

O testemunho de Raab no episódio de Js 2 é notável, pois se tratava de uma pessoa que era a antítese do que Israel deveria ser moral e religiosamente. Mesmo assim, é destacada no Livro de Josué como protagonista das narrativas que descrevem a entrada das tribos hebreias em Canaã. Raab tomou uma decisão muito arriscada, pois poderia ter sido morta pelo rei de Jericó ou pelas tribos hebreias quando invadiram a cidade. Esconder os espiões com risco de sua própria vida demonstra sua coragem. Ao protegê-los, Raab arriscou a própria vida e a de seus familiares. Este foi um momento crítico de decisão. Ela é um grande exemplo para as mulheres de todos os tempos.

A missão dos espiões desde o início foi repleta de perigos. A narrativa retrata os cananeus resolutos em sua perseguição aos espiões, os procuraram durante dias. Caso tivessem sido capturados certamente teriam sido torturados e, finalmente, mortos. Isso teria comprometido definitivamente as tentativas de conquista da terra. No entanto, apesar de sua incursão angustiante em território hostil, Deus os trouxe de volta a Josué ilesos e sua missão foi cumprida, graças a Raab.

Aquela que foi apresentada no início do relato como prostituta, ficou conhecida durante milênios por sua coragem, determinação e sabedoria perspicaz. Por que essa mulher pagã, cananeia, com uma ocupação questionável, colocaria a vida em risco por dois espiões israelitas? Por que ela confiaria neles ou em sua palavra? Como poderia, e por que, essa mulher faria uma confissão de fé tão autêntica? Raab fortaleceu a fé dos espiões. Eles não são os mais importantes no relato, nem sequer são nomeados.

Quando essas narrativas foram escritas, o povo da aliança precisava ser lembrado que Deus age através daqueles que são considerados os mais fracos e inaptos. Isto motiva e encoraja todas as pessoas que leem esse texto bíblico, em especial as mulheres nordestinas, alvo de tantos preconceitos, a avançarem com ousadia na conquista não de uma terra prometida, mas de reconhecimento de sua dignidade e do direito de sua identidade cultural.

O efeito que esse relato sobre Raab tem exercido sobre as pessoas ao longo

da história tem sido como um tratamento de choque contra o preconceito, em especial, com relação às mulheres. E deve fazer o mesmo efeito hoje, principalmente em tempos em que se constata a retomada da rigidez nos costumes, a falta tolerância com as diferenças e a violência contra a mulher.

Referências

ALMEIDA, Maria Lucidalva de Oliveira. **Ser mulher no Sertão**: os diversos estereótipos e preconceitos que estigmatizam a mulher sertaneja. Conceição do Coité: UNEB, 2010. TCC para Licenciatura em História. Disponível em https://pt.slideshare.net/BPJCA/ser-mulher-no-serto-os-diversos-esteriotipos-e-preconceitos-que-estigmatizam-a-mulher-sertaneja?from_action=save Acesso em 13.06.2022.

ANDRADE, ALP; RIBEIRO, Susie H. Targumim, as traduções aramaicas do Antigo Testamento, e alguns paralelos com o Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, V. 52, N. 1, Belo Horizonte, p. 55-72, 2020.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. São Paulo, Paulus, 2018.

GILBERT, Pierre. **Pequena História da Exegese Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. Sobre la lectura popular de la Biblia. **Pasos**, N. 130, San José, p. 16-26, 2007. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/Costa_Rica/dei/20120706110824/lectura.pdf Acesso em 13.06.2022.

PIO XII, Papa. ***Divino afflante Spiritu***: Carta Encíclica sobre os estudos bíblicos. Disponível em https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html#fnref21. Acesso em 12.06.2022.

RICHARD, Pablo. Lectura Popular de la Biblia en América Latina. Hermenéutica de la liberación. **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, V. 1, N. 1, San José, p. 30-48, 1988.